

# ZIGUE-ZAGUE IDEOLÓGICO

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i36p210-224>

**Tiago Ferro**

## RESUMO

Com foco na produção do crítico literário Astrojildo Pereira, este ensaio procura sugerir pontos de contato entre o tempo contraditório da inserção do país na história do capital e a formação de um partido comunista no Brasil.

## PALAVRAS-CHAVE:

Partido Comunista Brasileiro (PCB),  
Astrojildo Pereira,  
Ideologia.

## ABSTRACT

*Focusing on the production of the literary critic Astrojildo Pereira, this essay seeks to suggest points of contact between the contradictory time of the country's insertion in the history of capital and the formation of a communist party in Brazil.*

## KEYWORDS

*Brazilian Communist Party (PCB),  
Astrojildo Pereira;  
Ideology.*

O

ano de 2022 tem ao menos três efemérides decisivas para o esforço de sondagem do Brasil contemporâneo: duzentos anos da emancipação política do país, cem anos da Semana de Arte Moderna e cem anos da fundação do Partido Comunista do Brasil – Seção Brasileira da Internacional Comunista – mais tarde, Partido Comunista Brasileira. A dificuldade inicial para lidar com eventos dessa envergadura é defini-los no tempo e no espaço: quando começam e terminam e onde se localizam suas molas históricas. Conforme a abordagem, as delimitações flutuam.

As peculiaridades do processo de emancipação do Brasil determinam o andamento da história do país.<sup>1</sup> Este passa a integrar a nova ordem do capital sem se libertar de seu traço conservador fundamental: o complexo sócio-econômico baseado no trabalho escravo. O contexto local e mundial era alterado, sem que o estado das coisas mudasse significativamente. A circunstância de integrar um período histórico sem se livrar do sistema produtivo de estágio anterior define seu desenvolvimento futuro, e fornece a

---

<sup>1</sup> Essa leitura do país foi desenvolvida por um grupo de jovens professores e estudantes uspianos que a partir de 1958 se dedicou a estudar principalmente *O capital* de Marx e tentar aclimatar a teoria para a realidade periférica, quebrando o monopólio do marxismo que até então era assunto do PCB. Sobre o grupo do Seminário Marx, cf. Roberto Schwarz, “Sobre a leitura de Marx no Brasil”; José Arthur Giannotti, “Considerações sobre *O capital*”, em *Nós que amávamos tanto O capital* (São Paulo, Boitempo, 2017).

substância para momentos altos da produção artística e da crítica ideológica brasileiras.<sup>2</sup>

Seria possível atrasar ainda mais o relógio histórico e encontrar no funcionamento do Antigo Sistema Colonial esse mesmo desajuste – ou a sua fundação. De um lado a Europa acumulava capital mercantil enquanto superava o feudalismo, de outro, nas colônias, o tripé latifúndio, monocultura e trabalho escravo – trazido para a cena moderna pelo amplo movimento de construção do capitalismo –, formava uma das bases de sustentação do avanço europeu rumo ao Iluminismo e à Revolução Industrial. Um mesmo processo, futuros distintos.<sup>3</sup>

Ao eleger aspectos da trajetória de Astrojildo Pereira para tratar dos primórdios do PCB, trabalhamos com a hipótese de que é possível encontrar sugestões de contato entre o tempo contraditório da inserção do país na história do capital e a formação de um partido comunista no Brasil.

Apesar do esforço de todo um século para que a historiografia se estabelecesse como ciência, o campo se mantém avesso a pelo menos uma das características desse tipo de investigação: a prova contrafactual. Não é possível portanto afirmar como teria sido a história do PCB, e do comunismo no Brasil, se em menos de dez anos após a fundação do partido, Astrojildo Pereira não tivesse sido afastado da direção e em seguida de qualquer atividade partidária, marcado com o rótulo de "renegado". Até ser reintegrado aos quadros do PCB em 1945, daí em diante sempre em posições sem relevância decisória, não sem antes passar por uma humilhante retratação pública, Astrojildo se envolveu com o negócio familiar de comércio de bananas, enquanto se dedicava a escrever livros de crítica literária e análise política.

---

<sup>2</sup> Para o debate no âmbito ideológico e literário, cf. *Um mestre na periferia do capitalismo* (1990) e *Ao vencedor as batatas* (1977), ambos de Roberto Schwarz.

<sup>3</sup> Cf. Fernando Novais, "Passagens para o Novo Mundo", em *Aproximações* (São Paulo, CosacNaify, 2005).

Se o futuro do pretérito é incerto, podemos tentar localizar as raízes do pensamento desse líder partidário indisciplinado, que no zigue-zague ideológico entre a ortodoxia marxista e a abertura criativa, reflete o próprio tempo em que viveu e procurou compreender e, no mínimo, aponta para outros futuros possíveis – ou, no limite, desejáveis.

Astrojildo dedicou sua vida a duas paixões: a militância política e a crítica literária. Ambas marcadas pelo movimento apontado. Homem-ponte<sup>4</sup> entre o final do século XIX e o "breve século XX", um acontecimento anterior ao seu nascimento marcará uma de suas formas mais enraizadas de pensamento político: a campanha abolicionista. Astrojildo irá arrastar pelas décadas do século XX, nem sempre de maneira explícita, o espírito daquele movimento, bem como alguns de seus personagens, sendo o principal entre eles, Rui Barbosa.

Escreveu importantes reflexões sobre o evento, antecipando inclusive o debate da necessidade de se incluir nas análises históricas o papel dos próprios escravizados na campanha pela abolição.<sup>5</sup> Entre as diversas ocasiões em que tratou da campanha abolicionista, seja em ensaios dedicados ao tema ou em passagens ocasionais, o ponto alto é "Rui Barbosa e a escravidão", de 1944, publicado originalmente como prefácio da reedição do parecer de Rui elaborado em 1884 sobre a emancipação dos escravos. Astrojildo em leitura cerrada oferece uma visão matizada das diferentes posições da época sobre o assunto, as armadilhas retóricas bem como as torções ideológicas escondendo interesses puramente financeiros. Análise livre de julgamentos categóricos, mas

---

<sup>4</sup> Usamos livremente o conceito de homem-ponte como usado por Antonio Candido a se referir a Sérgio Milliet no ensaio "O ato crítico", em *A educação pela noite* (São Paulo, Ouro sobre Azul, 2017).

<sup>5</sup> O assunto ganha destaque na obra de Sidney Chalhoub, principalmente com a publicação de *Visões da liberdade – Uma história das últimas décadas da escravidão na corte* (São Paulo, Companhia das letras, 2011). No livro, o historiador critica as interpretações de um dos expoentes do chamado Seminário Marx da USP, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso, que, de acordo com Chalhoub, teria perpetuado a visão do século XIX dos escravos como coisas, incapazes de serem os agentes das transformações de suas próprias vidas.

que não esconde o lado. Do evento, juntamente com o próprio Rui, entre outros, concorda que o processo fora incompleto e imperfeito, já que não tocara no problema do latifúndio. Para fechar o ensaio, Astrojildo cita uma intuição de Rui Barbosa que poderia muito bem ser aplicada a outros momentos de mudança na história brasileira, com seus acordos e ajustes passando pelo alto das expectativas populares – "denunciava o perigo futuro de um 'abolucionismo servido pelos inimigos da abolição'".<sup>6</sup>

Também do século XIX virá seu mais importante objeto de estudo literário: Machado de Assis, ao qual dedicou todo um livro.<sup>7</sup> Um dia após a morte de Machado, Euclides da Cunha publicava no *Jornal do Comércio* crônica intitulada "A última visita".<sup>8</sup> Euclides trata do último dia de vida do escritor, da vigília em sua casa, do que considera a indiferença geral do país diante da iminente morte do autor de *Dom Casmurro*, acompanhado apenas por um círculo íntimo de amigos: "Um escritor da estatura de Machado de Assis só deverá extinguir-se dentro de uma grande e reabilitadora comoção nacional". Na crônica, o sentimento de desânimo é preparativo para a virada na parte final, quando ficamos sabendo de "tímidas pancadas na porta principal". Surge um adolescente de "dezessete ou dezoito anos" que só desejava visitar o seu ídolo, que se encontrava em estado gravíssimo, como ficara sabendo por meio dos jornais. O jovem é conduzido ao quarto onde estava Machado. "Não disse uma palavra. Ajoelhou-se. Tomou a mão do mestre: beijou-a num belo gesto de carinho filial. Aconchegou-o depois por algum tempo ao peito. Levantou-se e, sem dizer palavra, saiu." Euclides sublinha que o nome do jovem deve ficar anônimo. Após sua saída da casa "houve na sala, há pouco invadida de desalentos, uma transfiguração". A posteridade parecia garantida graças à visita do jovem Astrojildo.

---

<sup>6</sup> Astrojildo Pereira, "Rui Barbosa e a escravidão", em idem, *Interpretações*, cit.

<sup>7</sup> Astrojildo Pereira, *Machado de Assis* (São Paulo, Boitempo, 2022).

<sup>8</sup> Euclides da Cunha, "A última visita", em idem, p. 259-61.

Nascido em 8 de outubro de 1890 na cidade de Rio Bonito, estado do Rio de Janeiro, proveniente da pequena burguesia que emergira com a república e que chegara a ter voz na política local, Astrojildo<sup>9</sup> se estabelece ainda jovem na capital do país onde trabalha como tipógrafo. No ano de 1910 participa da Campanha Civilista pela eleição de Rui Barbosa à Presidência do país. A derrota do candidato que encampava as ideias liberais, e que enchia os jovens com esperanças de renovação do país com a superação de seu complexo político-agrário, acontece no mesmo ano em que estoura na cidade do Rio a "revolta da chibata", quando marinheiros pobres e principalmente negros se rebelam contra a prática do castigo corporal por parte de oficiais, resquício evidente da escravidão. O governo negocia e trai os marinheiros. Os envolvidos são demitidos e os líderes deportados. Decepcionado, Astrojildo parte para a Europa numa viagem desastrosa, sem dinheiro e viajando na terceira classe do navio.<sup>10</sup> O patrimônio cultural do Velho Mundo não parece lhe impressionar. Deixa "o Louvre 'deploravelmente desiludido', onde os 'cacos egípcios' e as 'banheiras de um imperador' não o impressionam". "Visita um cemitério

---

<sup>9</sup> Dados biográficos foram extraídos de Martin Cezar Feijó, *O revolucionário cordial* (São Paulo, Boitempo, 2022). A biografia parece tomar como um dos eixos interpretativos da trajetória de Astrojildo características pessoais afirmadas por outros membros do PCB que conviveram com o biografado e sempre fizeram questão de salientar o caráter gentil e tranquilo de Astrojildo, entre eles Leandro Konder e Nelson Werneck Sodré. A exceção fica com o também quadro do PCB Octávio Brandão, o que na verdade importa pouco como análise, já que trata-se da outra face da mesma moeda: simpatia versus antipatia. Dessas características biográficas, aparentemente sem relação com a produção intelectual e com a militância de Astrojildo, Martin avança para a ideia de "revolucionário cordial", distorcendo o conceito de cordialidade segundo Sérgio Buarque de Holanda, que jamais a tratou com sinal exclusivamente positivo, mas como relação direta entre homens sem a mediação abstrata e impessoal da lei. Um mundo regido pelo mando e não pela lei e a razão – protetor ou extremamente violento, sempre imprevisível e arbitrário.

<sup>10</sup> "Fomos repatriados pela Associação da Colônia Brasileira que, além de passagens, nos deu 50 frs a cada. Compramos 100 frs de livros. Impressão geral: desencanto... Mas uma espécie de desencanto gostoso". Depoimento de Astrojildo a Gilberto Freyre, em *Ordem e progresso*, apud Martin Cezar Feijó, *O revolucionário cordial*, cit.

famoso, passeio que dura cinco horas, e agradece ao encontrar um mictório para, 'comovidíssimo', despejar 'o cansaço de tantas emoções!'.<sup>11</sup>

Em seguida o caminho de Astrojildo até a fundação do partido no dia 25 de março de 1922, na "sede da União Operária do Rio de Janeiro, com a presença de nove delegados, representando os grupos comunistas", passa pelo engajamento febril no movimento anarquista por meio de participação na imprensa alternativa da época: *A Voz do Trabalhador*, *Guerra Social*, *Spártacus*, *O Cosmopolita* e outros.<sup>12</sup> Entre os presentes no ato da fundação, "dois eram funcionários públicos, dois alfaiates, um vassoureiro, um eletricista, um gráfico, um jornalista e um ferroviário – quase todos portanto, ligados ao artesanato e aos serviços, nenhum à grande indústria manufatureira ou mecanizada".<sup>13</sup> Com exceção de Astrojildo, nenhum deles seria lembrado no futuro.

Um segundo grande encontro ficará gravado na trajetória de Astrojildo. E aqui tocamos em mais uma efeméride deste ano de 2022: cem anos do estouro do movimento tenentista, com a Revolta do Forte de Copacabana. A força popular do movimento e de seu líder não passaram despercebidos por Astrojildo, que enquanto dirigiu o partido mobilizou todos os seus esforços no caminho anti-sectário.<sup>14</sup> Pagaria o preço por esse direcionamento que, salvo melhor juízo, tem inspiração na força ampla, aglutinadora e pública do abolicionismo. Segundo Leandro Konder, "ao longo dos anos 1920, foi gradualmente esboçando na orientação política do seu partido um movimento capaz de tirá-lo do isolamento". Entre as medidas de abertura do partido, "fez um acordo com o professor positivista Leônidas de Rezende para que os

---

<sup>11</sup> Martin Cezar Feijó, *O revolucionário cordial*, cit., p. 66. Os trechos citados dentro da citação fazem parte de um conjunto de notas de viagens feito por astrojildo e nomeado de "Um esguicho de civilização".

<sup>12</sup> Leandro Konder, "Astrojildo Pereira (1890-1965)", em Astrojildo Pereira, *Crítica impura* (São Paulo, Boitempo, 2022).

<sup>13</sup> José Antonio Segatto, "Testemunho histórico-político", em Astrojildo Pereira, *Formação do PCB* (São Paulo, Boitempo, 2022).

<sup>14</sup> Cf. Nelson Werneck Sodré, "Meu amigo Astrojildo", em Astrojildo Pereira, *Interpretações*, cit.

comunistas utilizassem o jornal diário *A Nação* em seu trabalho de propaganda. Organizou o Bloco Operário Camponês (BOC) para participar das eleições. E procurou Luiz Carlos Prestes na Bolívia, levando-lhe literatura comunista, para tentar atrair o comandante da 'Coluna Invicta'. Nessa mesma linha está o depoimento de José Paulo Netto sobre os oito anos em que Astrojildo esteve à frente do partido: "Astrojildo dirige o PCB com métodos democráticos, estimula o livre debate e o confronto de ideias e imprime a marca de sua generosidade na vida orgânica do partido. Obtém o seu reconhecimento pela Internacional Comunista, vincula-o ao movimento sindical, abre-o às alianças com setores democráticos e desempenha funções na articulação internacional do movimento comunista".<sup>15</sup>

Após os anos de ostracismo, na primeira oportunidade de participar de movimento público, Astrojildo se destaca durante o I Congresso de Escritores, ocorrido em janeiro de 1945, em São Paulo, e que reuniu intelectuais de diferentes orientações ideológicas. Esteve entre os autores da redação do documento apresentado pelo congresso, primeira manifestação coletiva pelo restabelecimento da vida democrática no país e, até ser atropelado pelas divisões ideológicas acentuadas pela Guerra Fria, dirigiu a revista *Literatura* (1946-1948) com o mesmo espírito democrático e agregador demonstrado no congresso.

Se o comunista indisciplinado organiza o movimento de forma anti-sectária sempre que lhe é permitido, a visão algo estreita e bitolada da história talvez explique sua abnegação diante dos arbítrios cometidos pelo partido contra ele próprio, e aparece em certos momentos de sua atuação como crítico literário.<sup>16</sup>

---

<sup>15</sup> José Paulo Netto, "Astrojildo: política e cultura", em Astrojildo Pereira, *Machado de Assis*, cit.

<sup>16</sup> Vale acompanhar alguns trechos da reflexão de Roberto Schwarz sobre a questão do método marxista de análise orientado pelo partido. "[...] o crítico dispõe de um esquema sociológico, a que a obra serve de confirmação. Se considerarmos porém que o dito esquema resume uma versão por assim dizer oficial da história do país, veremos que a dificuldade não é de método,

Em seu famoso ensaio "Machado de Assis, romancista do Segundo Reinado", de acordo com o crítico literário Flávio Aguiar, "Astrojildo evidencia de que forma, no pano de fundo das tragédias e tragicomédias pessoais, desfilam discretamente todos os grandes dramas da sociedade brasileira do Segundo Reinado", e assim contribui para o debate que sempre agitou, e segue agitando, a crítica machadiana, a saber, autor universal ou local.<sup>17</sup> Porém no mesmo movimento deforma o tecido dos romances machadianos ao imprimir na passagem do tempo de um romance ao outro, andamento histórico movido pelo progresso, muito ao gosto da histórica em etapas do marxismo vulgar, mas estranho à fina ironia machadiana. Os exemplos dessa ortodoxia deformante não são poucos.

Em texto sobre Górkki, quando já voltara a integrar o PCB no pós-Segunda Guerra, revela o quanto a teleologia oficial do aparato partidário entrava em choque com seus momentos de grande abertura pública. Em uma torção intelectual constrangedora, ao defender a liberdade de criação artística, "liberdade pura e simples, sem aspas nem melindres", com a máquina de repressão stalinista operando nos quatro cantos do mundo socialista, o crítico carioca afirma sem meias palavras que os artistas mais livres do mundo "são os escritores que militam no Partido Comunistas". Cabe citar: "Livres de preconceitos; livres de falsos melindres; livres de pretensões hipócritas, livres de terrores doentios, livres de sofismas e abusões; livres de suores místicos e de

---

mas de política. [...] digamos que historicamente o marxismo adquiriu feições distantes da intenção crítica original. Tornou-se artigo de fé [...]" Roberto Schwarz, "Pressupostos, salvo engano, de 'Dialética da malandragem'", em *Que horas são?* (São Paulo, Companhia das Letras, 2006), p. 147.

<sup>17</sup> Em estudo recente sobre a crítica machadiana ao longo do tempo, Hélio de Seixas Guimarães coloca Astrojildo entre o grupo que "a partir da década de 1930 transforma o escritor de exceção em homem representativo, brasileiro exemplar e mito nacional. Esse processo ocorre em paralelo e em conexão com os estudos de Augusto Meyer, Astrojildo Pereira, Lúcia Miguel Pereira e Eugênio Gomes que, entre as décadas de 1930 e 1950, renovaram o vocabulário crítico sobre o autor". *Machado de Assis, o escritor que nos lê* (São Paulo, Editora Unesp, 2017), p. 19-20.

almas do outro mundo; livres de tolices mais ou menos metafísicas; livres, muito livres, sobretudo livres de interesses inconfessáveis".<sup>18</sup>

Esse sentimento inabalável da marcha da história rumo ao socialismo tem seu momento mais evidente no ensaio "Três notas sobre o *Manifesto Comunista*",<sup>19</sup> de 1948, portanto efeméride de publicação do famoso texto. Não cabe esmiuçar o ensaio aqui, apenas destacar algumas passagens. Do *Manifesto* de 1848, o aspecto mais importante, segundo o crítico, é o "acerto das perspectivas traçadas", que seriam comprovadas por uma série de eventos listados por Astrojildo em ordem cronológica, o que apontaria para um movimento crescente. Fala em: "superação de cada fase histórica", "destino da classe operária", "análise científica [...] justa da história das sociedades humanas". E conclui: "A experiência de todo um século tem demonstrado que não há outra solução para a contradição senão essa – a burguesia, como classe, enterrada pelos coveiros que ela própria produz". Não nos interessa os acertos desse tipo de aposta, já que ela também é historicizável tanto quanto o presente esforço de análise, mas o quanto convivia em Astrojildo duas formas conflitantes de organização política. Curiosamente, na prática havia abertura e anti-sectarismo, enquanto nos textos se impõe quase como regra a visão dura da marcha do progresso rumo ao socialismo.

O espírito aberto, ágil, do organizador criativo que lê com perspicácia o próprio tempo, aparece na prosa de Astrojildo quando ainda colaborava com a imprensa alternativa, pré-1922. No ano de 1918 Astrojildo colocou na rua o tabloide *Crônica Subversiva*,<sup>20</sup> que tinha ele próprio como único redator. A primeira edição saiu em 1º de junho de 1918, e teve mais quinze números, com tiragem imprecisa. Ao analisar fatos do cotidiano com espírito humorístico, Astrojildo mostra prosa cortante e alcance mundial dos fatos do tempo. A

<sup>18</sup> Astrojildo Pereira, "Partido e liberdade de criação", em idem, *Crítica impura* (São Paulo, Boitempo, 2022).

<sup>19</sup> Astrojildo Pereira, "Três notas sobre o *Manifesto Comunista*", em idem.

<sup>20</sup> Os trechos da *Crônica* são tirados de Martin Cezar Feijó, *O revolucionário cordial*, cit.

modernidade é colocada em escrutínio de forma sutil mas decisiva. Sobre a inauguração da linha telefônica entre Rio e São Paulo, escreve: "[...] é simplesmente assombroso poder qualquer um de nós conversar, daqui do Rio, com um amigo qualquer da Pauliceia, a 500 quilômetros de distância. O diabo é que o telefonemazinho de 3 minutos custa nada menos de 8\$000". Em poucas palavras, e com longos saltos nas grandezas – longa distância, pouco tempo, muito dinheiro –, vamos das maravilhas da modernidade até a realidade pedestre de quem poderia desfrutar daquilo tudo.

Os primórdios da indústria cultural, já turbinada pela publicidade, e sua infantilização do público são evidentes para o crítico. O que não deixa de impressionar. "O Cine Palais começa a exibição de um filme intitulado 'Tarzan, o homem-macaco'. Fita americana, reclamizada por mil tubas ribombantes. É enorme a concorrência ao cinema. Naturalmente: não há por aí macaco-homem que não queira ver o homem-macaco. Eu não fui ver a fita, declaro em tempo. Mas hei de ir. Não resisto ao desejo de confrontar, cara a cara, o homem-macaco do "écran" e o macaco-homem da plateia e ver qual dos dois é menos indecente."

Dos textos da maturidade, cabe destacar uma espécie de história da literatura brasileira através da atuação pública de escritores, em "Posição e tarefas da inteligência"<sup>21</sup>. Se não deixa de aparecer novamente um sentido de progresso bastante marcado, as análises breves e decisivas de autores e períodos se impõem. Gêneros e movimentos criados na Europa passam a responder em grande medida aos pressupostos sociológicos da realidade onde aterrissam: "No Brasil a sua [do romantismo] contradição residia principalmente em que ele foi um movimento dinâmico, renovador, progressista, quando se batia pela independência da literatura brasileira, e ao mesmo tempo conformista, não raro retrógrado, quando aparecia como expressão de um período de estabilização política, que a classe dirigente

---

<sup>21</sup> Em *Interpretações*, cit.

cuidava de consolidar e conservar". Contradição do movimento que ajuda a compreender o conservador José de Alencar e toca no espinhoso problema dos grandes artistas do campo ideológico oposto: "[...] reformador, revolucionário no domínio da literatura propriamente dita; mas conservador e reacionário dos quatro costados no domínio da política propriamente dita".

O chão histórico tampouco lhe escapa quando trata da Semana de Arte Moderna, que se entrelaça segundo o crítico às consequências da Primeira Guerra Mundial, à "lava revolucionária" dos jovens tenentes e à "organização definitiva ao primeiro partido nacional do proletariado brasileiro". "[...] essas coisas não aconteceram simultaneamente por mero acaso, há entre elas um nexos qualquer, determinado por uma série de condições e fatores comuns".

No fim do ensaio *Astrojildo* estabelece como programa para os intelectuais de seu tempo, a luta pela democratização da cultura, que passaria por uma grande campanha nacional pela alfabetização. Imbuído do espírito abolicionista, não é possível negar que o século XIX mais que lhe roça os calcanhares, e, junto com Nabuco, que afirmara "que num país de escravos a missão dos poetas é combater a escravidão", conclui: "o analfabetismo é também uma forma de escravidão [...] que num país de analfabetos a missão dos escritores é combater o analfabetismo". Se há exagero ou não em decretar a missão dos intelectuais, interessa notar a desenvoltura do crítico para lidar com longo período histórico de forma sintética, com corte inovador, articulando local e universal, arte e sociedade. Pensamento dialético livre dos constrangimentos de uma visão sociológica pré-fabricada.

Se não estivermos forçando a barra, podemos concluir que o movimento apresentado, que chamamos de "zigue-zague ideológico" por sua constante e ininterrupta troca de posição, repleto de rebarbas e dificuldades de ser lido no tempo do mundo, tem como motor os desajustes da vida na periferia do capitalismo. Movimento que explicita a impossibilidade de espelhar a marcha

da história – neste caso, rumo ao socialismo – em qualquer parte do mundo e o tempo todo – mais, coloca em xeque essa marcha.

Nos esforços de Astrojildo de organização política intuída na história brasileira, ceifados pela máquina partidária internacional do comunismo, revela-se a contra-pelo as remotas chances de êxito de um partido de trabalhadores que insista em ignorar o tempo contraditório da vida na periferia do capitalismo.

Encerrada a fase histórica do socialismo real com a queda do muro e a dissolução do bloco soviético, fica a ser respondida qual a forma de organização das lutas sociais brasileiras daí em diante, e como se inserem no tempo do mundo. Ler Astrojildo Pereira sem dogmatismos é uma boa maneira de buscar respostas complexas, mesmo que ingratas.

### Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor. *Notas de literatura*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- ALAMBERT, Francisco. “Lugar da dialética, dialética do lugar: três notas sobre filiações, finalidades e afinidades na formação intelectual de Roberto Schwarz”. In: LOUREIRO, Isabel; MUSSE, Ricardo (orgs.). *Capítulos do marxismo ocidental*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP/FAPESP, 1998.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes. Formação do Brasil no Atlântico Sul – Séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ANDERSON, Perry. *Espectro. Da direita à esquerda no mundo das ideias*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- ARANTES, Paulo. *O novo tempo do mundo*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ARANTES, Paulo. *Sentido da formação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ARANTES, Paulo. *Sentimento de dialética*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- BRANDÃO, Octávio. *Combates e batalhas*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.
- CANDIDO, Antonio. “Dialética da Malandragem (caracterização das Memórias de um sargento de milícias)”. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 8, p. 67-89, 1970.

- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.
- CANDIDO, Antonio. "Radicalismos". In: *Estudos avançados*, vol. 4, n. 8, São Paulo, Jan./Apr. 1990.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *A formação das almas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARVALHO FRANCO, Maria Sylvia. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Kairós Livraria Editora, 1983.
- CASTRO, João Victor Lourenço de; MALDONADO, Luccas Eduardo (2021), "Konder, Leandro", en Diccionario biográfico de las izquierdas latinoamericanas. Disponible en <http://diccionario.cedinci.org>
- COSTA, Emília Viotti. *A dialética invertida e outros ensaios*. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.
- COSTA, Emília Viotti. *Brasil. História, textos e contextos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.
- EAGLETON, Terry. *A ideologia da estética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- FEIJÓ, Martin Cezar. *O revolucionário cordial*. São Paulo: Boitempo, 2022.
- FURTADO, Celso. *Criatividade e dependência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Machado de Assis, o escritor que nos lê*. São Paulo: editora Unesp, 2017.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis*. São Paulo: Edusp/Nankin, 2012.
- KURZ, Robert. *O colapso da modernização*. Paz e Terra, 2008.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. (1986). *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2006.
- MARX, Karl. *O capital*. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MONTERO, Paula (org). *Retrato de grupo. 40 anos de Cebrap*. São Paulo, CosacNaify, 2009.
- MOTA, Carlos Guilherme. *História e contra-história*. São Paulo: Globo, 2012.
- MOURA, Flavio Rosa de. "Um crítico no redemoinho". *Tempo Social*, São Paulo, pp. 71-99, nov. 2011, v. 23, n. 2.

- NOVAIS, Fernando. *Aproximações*. São Paulo: CosacNaify, 2005.
- NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista. O ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- PEREIRA, Astrojildo. *Crítica impura*. São Paulo: Boitempo, 2022.
- PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB*. São Paulo: Boitempo, 2022.
- PEREIRA, Astrojildo. *Interpretações*. São Paulo: Boitempo, 2022.
- PEREIRA, Astrojildo. *Machado de Assis*. São Paulo: Boitempo, 2022.
- RODRIGUES, Lidiane Soares. *A produção social do marxismo universitário em São Paulo: mestres, discípulos e "um seminário" (1958-1978)*. Tese de doutorado. Departamento de História/Universidade de São Paulo, 2012.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Editora 34, 2000.
- ZIZEK, Slavoj. *Vivendo no fim dos tempos*. São Paulo: Boitempo, 2012.

**Tiago Ferro** é editor, escritor e crítico. Mestre em história social pela FFLCH-USP com tese sobre a obra de Millôr Fernandes e orientação do prof. doutor Elias Saliba. Escreve regularmente artigos sobre crítica cultural para as revistas *Serrote*, *Suplemento Pernambuco*, *Cult*, *Peixe-elétrico* e blog do IMS. Em 2019 ganhou o Prêmio Jabuti categoria melhor romance e o Prêmio São Paulo de Literatura melhor romance de estreia, pelo livro *O pai da menina morta*.

<https://orcid.org/0000-0002-8574-3166>